VISEU

AS AVENTURAS DE SEVERINO



ANTÔNIO DACOSTA

VISEU

AS AVENTURAS DE SEVERINO

ANTÔNIO DACOSTA

Editor Chefe

Thiago Domingues Regina

Coordenação Editorial

Blenda Castro

Projeto Gráfico e Editorial

BookPro

Revisão

Bruno Henrique da Cunha

Copidesque

Évelin Tiedt

Diagramação

Aline Garcia

Capa

Letícia Rodrigues

Copyright © Viseu
Copyright © Autor
Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Viseu

Avenida Duque de Caxias, 882
Telefone: 44- 3305-9010
e-mail: falecom@eviseu.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Dacosta, Antônio
Antônio Dacosta / As aventuras de Severino – 1ª ed. – Maringá: Viseu, 2020.

ISBN

1. Romance 2. Literatura brasileira
I. Dacosta, Antônio II. As aventuras de Severino
82-3 CDD-B869.93

Índice para catálogos sistemáticos:

1. Romance: Literatura brasileira

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Editora Viseu, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).



A Antônio Pereira da Costa e Avanilde Dias da Costa (in memoriam), meus pais do coração. A quem devo tudo que sou. Obrigado pela existência de pessoas tão abençoadoras e pelas lições que me ensinaram e me fizeram ser o homem que sou. Deus não poderia ter me dado pais melhores.

VIS

SUMÁRIO

Capítulo 1
As Aventuras de Severino 13

Capítulo 2
Como Severino Recebeu seu Nome 19

Capítulo 3
Algumas Peraltices da Infância 25

Capítulo 4
O Açude 31

Capítulo 5
A Escola 37

Capítulo 6
O Despertar do Amor 45

Capítulo 7
O Problema da Queda de Cabelo e O Elixir da Sabedoria . . . 53

Capítulo 8
Histórias da Meia-noite 61

Capítulo 9
A Morte de Dona Mariquinha 71

Capítulo 10
Severino, o Coroinha 81

Capítulo 11
A Missa de Severino 91

Capítulo 12
O Coronel 103

Capítulo 13
O Pastor 107

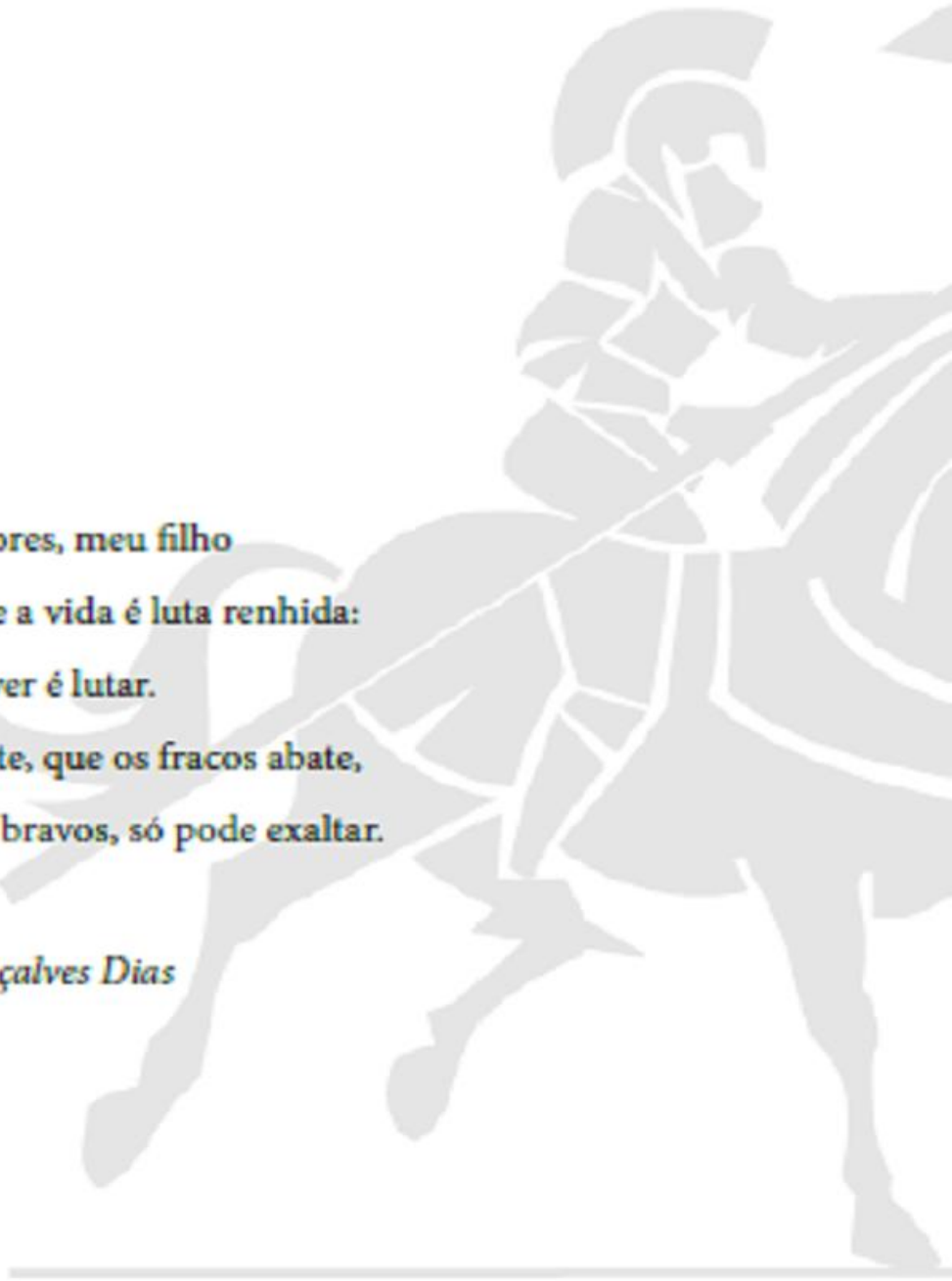
Capítulo 14
O Falso Doente 115

Capítulo 15
Um Novo Emprego 121

Capítulo 16
Severino, o Aluno 125

Capítulo 17
João Barata 133

Capítulo 18
O Retorno de Belinha 145



Não chores, meu filho

Não chores, que a vida é luta renhida:

Viver é lutar.

A vida é combate, que os fracos abate,

Que os fortes, os bravos, só pode exaltar.

Gonçalves Dias

Há mais coisas entre o céu e a terra do que pode imaginar nossa vã filosofia.

William Shakespeare

CAPÍTULO 1

AS AVENTURAS DE SEVERINO

Eu sou um anjo.

Sim, um anjo. Não acredita em anjos? Pois saiba que eles existem. Sou um anjo daqueles que cuidam das pessoas, mas não um anjo da guarda como muitos pensam. Sou um anjo da Graça. É assim que somos conhecidos aqui no andar de cima – não sei se você sabe, aqui temos uma hierarquia muito rígida, parecida um pouco com um exército humano. Somos Anjos da Graça de Deus para ajudar os escolhidos do Eterno. Não me pergunte o que faz alguém ser um escolhido. Nem tudo precisamos saber e, de fato, nunca me ocorreu fazer essa pergunta para os meus superiores. Sei que o Todo-Poderoso tem algumas pessoas que Ele gosta de ajudar. Na verdade, gostar não é bem a palavra certa.

Gostaria então de contar-lhe uma história, de um desses escolhidos.

Sinto-me pressionado pela consciência de contar essa história para alguém. Mesmo sem você me conhecer direito, espero que possa tirar suas próprias conclusões. Esta história aconteceu numa pequena cidade do interior da Paraíba, chamada Nova Esperança, no começo da década de 1970.

Antes, perdoe-me, sempre esqueço de me apresentar como se deve. Tenho este defeito. Os anjos também podem ter defeitos,

sabia? Meu nome é Augustos. Na verdade, Ângelus Augustos. Não, não sou tão famoso quanto Gabriel ou Miguel, mas também fiz coisas grandiosas. Não me convém relatá-las para que você não me ache presunçoso ou arrogante. A maioria dos humanos não sabem receber bem um elogio – e os anjos também não. Lembro bem que foi a soberba que precipitou nosso inimigo mais terrível daqui de cima. Nem ouso citar seu nome. Você deve imaginar quem seja. Criatura repugnante. Vive cuspindo fogo. Sempre cheio de si, como alguns humanos o são e, às vezes, nem percebem.

Vida de Anjo da Graça não é fácil. E uma das missões que mais me deu trabalho foi cuidar de um escolhido chamado Severino. Um dia, fui designado para tomar conta dele. Não imaginava em que encrenca eu estava me metendo. Se soubesse, teria recusado. Não recusei porque sou obediente. Não fiz parte e nunca farei parte dos que se rebelam contra as autoridades constituídas. Aprendi desde cedo que missão dada tem que ser missão cumprida. Não lamento. Se fosse possível, teria pedido ao Eterno para passar de mim este cálice. Penso apenas que, se Ele não atendeu Seu Filho quando Este lhe fez essa rogativa, imagina eu, um miserável ser angelical.

Mas vamos lá. A cidade de Nova Esperança, como toda cidadezinha do interior paraibano, era pacata, pequena e sem das muitas atrações que se encontram nas grandes cidades. A casa onde Severino nasceu – bem, "nasceu" é modo de dizer – era uma casa rústica na zona rural. Daquelas de taipa, muito comuns no interior pobre do Nordeste. Era um sítio pequeno. Apenas um pedacinho de terra seca no meio de outros pedaços iguais. O que se podia ver ao longe eram pedras, mandacarus e palmas, bem como alguns passarinhos que todas as manhãs teimavam em cantar, mesmo sem motivo para isso. Os pais de Severino, Dona Mariquinha e Seu Serafim, ambos com idades avançadas e sonhos interrompidos, mal tinham o que comer.

Deixe-me ser mais claro: Severino não nasceu naquela casa, fora deixado lá por alguém que agiu como quem se joga, em um lugar qualquer, um objeto que se quer dar fim por alguma razão. Bem, isso é uma outra história. Quem sabe, se me der vontade e achar necessário, contarei depois.

Como estava dizendo, a casinha deles era muito simples, com pouco além de uma mesa de madeira com quatro cadeiras. Num canto, havia três vasos grandes de barro, onde se guardava água que seria usada tanto para beber quanto para outras necessidades. Não havia água encanada. Acima, na parede, algumas canecas penduradas. Na sala, um sofá velho e vários retratos antigos dos familiares. Também não havia luz elétrica. Na cozinha, havia um fogão à lenha, feito de tijolos, e um armário velho onde se colocavam xícaras, pratos e outros utensílios. O armário até servia para esconder comida, visto que era fechado com chaves. Descobri depois que esses armários são conhecidos no interior como petisqueiros. Um nome mais atraente seria cristaleira, mas cristaleira é para os ricos que usam taças de cristal. Naquela casa eles nem sabiam o que era cristal. Usavam copos de alumínio, de vidro ou de barro. Por falar em barro, o chão da casa era de barro batido. Na parede da cozinha, ainda havia um cachimbo guardado numa fresta. Dona Mariquinha fumava cachimbo, e mais tarde se arrependeria deste hábito.

Numa noite igual a tantas outras, eram cerca de três horas da madrugada quando eles foram acordados por batidas fortes na porta. Dona Mariquinha despertou assustada e cutucou Seu Serafim.

— Acorda homem, escutasse não?

— Claro que sim – ele disse, tremendo.

— Vai lá ver quem é.

— Eu? Por que eu?

— Ora e quem é o homem da casa?

Seu Serafim olhou para um lado, depois para o outro.

— Sei não...

— Oh, homem frouxo, deixa que eu vou.

Dona Mariquinha pegou um pedaço de pau, chegou perto da porta e perguntou:

— Quem é?

Escutaram um choro que parecia de bebê. Alguns instantes depois, o choro transformou-se num berro agudo, de fome e desespero. Quando Dona Mariquinha abriu a porta, se deparou com um cesto de palhas e a confirmação de suas suspeitas. Olhou de um lado para o outro procurando quem tinha deixado aquela criatura sozinha, ao relento. Não achou rastro de ninguém. Será um presente de Deus? Ela não se conteve de alegria por imaginar que Deus lhes presenteara com algo tão sublime. Nunca tiveram filho algum. Eles eram gente simples, de vida complicada.

Dona Mariquinha chamou o marido e ambos logo perceberam que não seria fácil criar uma criança com os poucos recursos que tinham. Na casa onde comem dois, comem três ou mais — era assim que pensavam. Mas muitas vezes Dona Mariquinha e Seu Serafim não tinham o que comer, sendo que o único alimento que poderiam dar para a criança era uma mistura de farinha com leite. Quando chovesse e as coisas melhorassem um pouco, os pais teriam como alimentar algumas cabrinhas magras que criavam e, assim, Severino poderia tomar leite de cabra, o que lhe daria algum vigor. Dizem que é até melhor do que leite de vaca. Nunca experimentei. Confesso que sentia vontade de saborear essas coisas que os humanos bebem e comem. Isso poderia acontecer se eu me encarnasse num corpo qualquer. Quem sabe um dia ainda experimento as delícias e as amarguras da vida humana.

Mas voltando ao Severino, ele era uma criança muito magrinha, desnutrida até, de cabeça grande e olhar curioso. Frágil como um fino copo de cristal ou uma simples bolha de sabão. Seu Serafim e Dona Mariquinha encheram essa criança de amor e cuidados. Severino cresceu num ambiente de amor, compreensão, perdão e misericórdia. Foi uma criança muito peralta e inteligente. Bem, preciso ser sincero, inteligente mesmo ele não era, achei melhor dizer isso para amenizar um pouco sua personalidade. Ele não era dotado de muita inteligência e a vida ainda iria me mostrar outros de seus defeitos. E quem não os têm?

Nosso herói teve muitas aventuras na vida. Eu vivi muitas delas com ele e as relatarei para você. Para que você tenha uma ideia, um dia, quando ele ainda estava no berço, uma cobra coral estava andando no teto de seu quarto. Não me pergunte como ela foi parar lá. Nem eu sei. Acontece que, quando a cauda da cobra balançou um pouco entre as ripas do teto, Severino, pensando que era um brinquedo ou algo parecido, conseguiu agarrá-la e puxá-la para o berço. Queria mordê-la. Estava com fome. Me desesperei. Dei um salto rápido e puxei a cobra da mão dele e, na pressa, não tive o cuidado necessário e ela me picou. Passei vários dias com dor de cabeça.

Outro dia, Dona Mariquinha segurou Severino nu nos braços, acima da cabeça, para dar banho nele. Ela resolveu brincar, dizendo "Olha que pintinho lindo ele tem, Serafim. Menino bonito da mamãe. Só não faça xixi na minha cara". Severino, mesmo sem entender o que lhe foi pedido, fez o que ela temia. Dona Mariquinha não ficou brava, apenas sorriu com a peraltice daquele pequeno.

Fui percebendo que minha missão não seria nada fácil...

VIS

CAPÍTULO 2

COMO SEVERINO RECEBEU SEU NOME

Ainda me lembro do dia em que Severino chegou àquela casa. Permita-me contar ainda esse detalhe. Depois de cuidarem do bebê e ficarem maquinando o que aconteceria dali por diante, a noite chegou mais rápido do que de costume para Seu Serafim e Dona Mariquinha. Na primeira noite, nada de anormal aconteceu. Era mais uma noite com muitas estrelas no céu límpido. O dia no sertão sempre passa de forma preguiçosa. O clima era de um ar seco como quase sempre o é. A terra era árida e o sertanejo, que não tem quase nada de árido, vivia com sua fé que quase nunca se abala. Sou testemunho de como esse povo vive. Aliás, contradizendo o que muitos humanos pensam, o sertanejo, em sua maioria, sabe que não se precisa de muita coisa para ser feliz debaixo do sol, mesmo do mais quente que se possa encontrar.

Voltando para aquele dia, Seu Serafim e Dona Mariquinha pegaram uma lamparina. Ainda estava escuro, então acenderam outras para dar mais claridade. Ficaram olhando por um longo tempo aquela criança colocada à sua porta, não sabendo por quem. Talvez por uma pessoa mais pobre que eles e que não teria condições de cuidar daquele pequeno. Afinal, sempre existirá alguém mais pobre que a gente, eles concluíram. Apesar das

dúvidas que surgiam em suas mentes, eles ficaram alegres por tão inusitado presente.

— Que menino lindo... – disse Dona Mariquinha, emocionada.

— Lindo mesmo não é, parece um ratinho branco esfomeado – retrucou Seu Serafim.

— Lindo sim, deixe de ser bobo. Uma criança é sempre linda. É uma vida que Deus dá pra aqueles que merecem. Não podemos chamar ele de rato branco, não!

— Já que você tocou no assunto, como vamos chamar o menino?

— Não sei! O que você acha, Serafim?

— Deixa eu olhar a cara dele de novo – Seu Serafim se inclinou sobre o bebê.

— E tu dá o nome pela cara, é?

— Claro! Tem que ter um nome que se pareça com a pessoa.

— Oxente, e que nome tu achas que esse bebê deve ter? Se parece com que nome então?

Seu Serafim se inclinou novamente, pegou no rosto do bebê e então virou para a direita e para a esquerda. Olhou, analisou e disse:

— Tive uma ideia. Mas não sei se digo porque você sempre discorda quando eu tenho as minhas ideias.

— Que ideia? Fala, que eu estou sem paciência! E discordo das suas ideias quando vejo que é uma ideia de jumento.

— Que tal... Serafim Júnior?

Dona Mariquinha colocou a mão no queixo, olhou para Seu Serafim e depois pra Severino antes de dizer:

— Não sei, ele não tem cara de Serafim.

— Oxente, e como é cara de Serafim?

— Igual a tua, miséria. Cara de jumento, sem graça.

— Agora, pronto! Me engula! Oh, mulher braba! Acho que a fumaça das lamparinas está deixando você tonta. Quem disse que eu não tenho graça? Posso até ter cara de jumento, mas sem graça eu não sou, não.

— Você não tem graça nenhuma. Eu lhe conheço há muito tempo e uma coisa que você não tem é graça.

— E esse menino desnutrido aí, tem graça de quê? – reclamou Seu Serafim.

— Tem a graça da vida. Você é um jumento velho e, além do mais, chato – retrucou Dona Mariquinha, colocando Severino nos braços e dando beijos em sua face.

— Tá bom, não disse que você nunca concorda comigo? E afinal, como você vai chamar ele?

— Acho que vou chamar de Severino.

— Severino?

— Sim, Severino!

— Não tem ninguém chamado de Severino na nossa família.

— E o que é que tem? Vai se chamar Severino e está decidido.

— E ele tem cara de Severino?

— Não precisa ter cara de Severino pra se chamar Severino.

— Oxente, e tu não disse que ele não tinha cara de Serafim?

— De Serafim tem mesmo, não. Ele tem cara de gente inteligente.

— Quem disse que inteligência se vê na cara? E ele tem cara pra se chamar Severino, tem?

— Eu lhe disse que pra ser Severino não precisa ter cara...

— Tô entendendo nada. Pra ser Serafim Júnior não tem cara. Pra ser Severino, não precisa ter cara.

— Ora, não me aborreça. Vai ser Severino e acabou.

Seu Serafim pegou no rosto do menino. Virou de lá para cá outra vez. Tentou analisar as feições do bebê, procurando alguma coisa, para saber como é a cara de gente inteligente. Fez cara de espanto, cerrou a sobrancelha e disse:

— Pois para mim, olhando bem de perto, ele tem cara de Severino – disse Seu Serafim, convencido.

— Agora pronto. E Severino tem cara de quê?

— Tem cara de Severino, ora bolas.

— E como tu acha que é a cara de um Severino?

— Cara de gente assim, feio. Desnutrido. Magricelo. Meio sofrido da vida. Cara de quem tá com dor na barriga. Como se estivesse sempre com fome. E não vi nada de inteligente nele.

— Eita, ficamos falando e não é que esqueci de dar de comer a ele? Não é cara de fome não, é fome mesmo. E deixe de besteira, homem. Gente feia, desnutrida, magricelo e sofrido da vida pode se chamar é de Serafim e não de Severino. E de jumento basta você dentro de casa.

— Oxente, tá bom. Me engula!

Seu Serafim voltou para a cama dando de ombros. Dona Mariquinha deu a Severino um pouco de leite de cabra que tinha em casa, misturado com água para não ficar muito forte. Ela pensou que poderia não fazer bem. Severino bebeu quase meio litro de leite de cabra. Dona Mariquinha olhou para aquele bebê indefeso. Teve pena. Seu coração ficou apertado e uma leve lágrima rolou em seu rosto. Nesse momento, sem sombra de dúvidas ela sabia que aquela ligação de mãe postiça iria durar por toda a vida. Quando tirou os panos sujos do bebê, notou uma marca de nascença na coxa direita dele. Cansada, resolveu ir dormir. Antes, agradeceu a Deus pelo presente recebido. Dona Mariquinha e Seu Serafim não

imaginavam o quanto iriam ter de trabalho com aquele pequeno ser fragilizado em seus braços. Nem eu!

Foi numa dessas noites que a cobra me picou. Ai! Só de lembrar me deu dor de cabeça de novo. Se fosse apenas dor de cabeça estava tudo bem. Depois vi que isso que me aconteceu era apenas o começo do meu calvário. Não queria lembrar. Contudo, é inevitável. Como irei relatar o que passei com Severino se não tentar lembrar dos fatos? Embora para mim seja doloroso, às vezes eu creio que para você será uma fonte de prazer. Este é o Severino sobre o qual falarei. Não é aquele famoso Severino de Maria, como falou certo escritor. O Severino dessas aventuras é o Severino de Mariquinha e de Serafim. Menos famoso, mas não menos interessante.

Que meus colegas anjos me ajudem...

VIS

CAPÍTULO 3

ALGUMAS PERALTICES DA INFÂNCIA

Quando Severino, ainda pequeno, precisava fazer suas necessidades fisicas, Dona Mariquinha lhe dava um penico. Ele, achando que era um brinquedinho, ficava sentado no seu vasinho se arrastando pela casa toda, para desespero da mãe que sempre brigava com ele. Não tinha jeito. Assim que ela virava em outra direção, nosso herói continuava sua peregrinação pela casa. E sempre que ela se descuidava, lá estava ele fazendo suas peraltices. Antes dos seis anos, Severino sabia falar e fazer muitas coisas. Umas das coisas que fazia – e que deixava sua mãe sempre nervosa – era ficar mexendo no seu cocô quando terminava o serviço.

— Severino, tira a mão desse penico! – gritava Dona Mariquinha, correndo para salvar sua cria. — Que coisa mais nojenta! Como é que tu ficas mexendo nessa bosta? Se eu não chego a tempo era capaz de tu colocar isso na boca!

Severino ria e retrucava a mãe:

— Mas mainha, isso saiu de dentro de mim.

— Sim, e daí? É bosta, deixa de ser nojento. Quase tudo que sai de dentro da gente é bosta.

— Oxente mainha, por quê?

— Porque é e pronto!

Aprendi que as mães são as únicas pessoas que não precisam justificar suas ações. "Porque é e pronto" acaba com qualquer argumentação.

— Posso brincar com isso não?

— Claro que não, menino nojento – dizia Dona Mariquinha, fazendo cara de nojo.

— É tão macio...

— Macio vai ser minha chinela na tua bunda se tu não parar com essas coisas! Que coisa mais nojenta! – ela dizia com um tom intimidatório que Severino conhecia como ninguém.

E Severino sabia que as ameaças se cumpririam caso ele não obedecesse. Dona Mariquinha não pouparia chineladas caso fossem necessárias. Severino, quase sempre, saía chorando para tomar banho numa bacia de alumínio que ficava no quintal da casa, onde as gotas d'água se misturavam com suas lágrimas.

O único meio de comunicação da casa era um pequeno rádio de pilhas por onde Dona Mariquinha ouvias as notícias, as músicas e os versos dos repentistas que gostava. Desde pequeno, Severino se habituou a ouvir aqueles poetas populares, mesmo sem entender bem muitas das palavras. Ele até mesmo decorou algumas daquelas poesias.

Outra vez, quando Dona Mariquinha se descuidou, escutando o rádio na labuta diária, deixou Severino sozinho por alguns instantes. E ele aprontou mais uma vez. Estava comendo o barro das paredes. Aquela mãozinha achava os buracos perfeitos. Sua mãe entendeu que um furacão não precisa de muito tempo para produzir estragos.

O desenvolvimento de Severino foi normal, como o de qualquer criança, com as dificuldades inerentes à idade. Mais tarde,

descobri que cuidar de criança não é, nunca foi e nunca será tarefa fácil. Criança é criança em qualquer cultura, em qualquer país e em qualquer época.

Em certo momento, lá estava ele de novo. Severino se pendurou no petisqueiro velho da cozinha, que começou a tombar em câmera lenta com o peso da criança. Dentro, como falei, tinha louças velhas, copos, xícaras e outras coisas. Dona Mariquinha, numa velocidade inimaginável – na verdade fui eu que a empurrei para que ela pudesse alcançá-lo –, conseguiu segurar o armário antes que ele tombasse de vez quebrando as louças e machucando a criança, ou antes que ele caísse com a cabeça no chão duro de terra batida.

— Que coisa é essa, Severino?

— Desculpa, mainha, foi sem querer – ele respondeu, com cara de choro.

— Tu queres me matar do coração? Passa, vai-te embora, antes que eu te dê uma surra! – Dona Mariquinha disse com a mão no coração, muito mais de alívio que de raiva da peraltice de Severino.

Outro dia, aconteceu com o pai. Seu Serafim, numa brincadeira, colocou a criança nos ombros disse "segura nos meus cabelos que vou fechar a porteira". Pensando que Severino estava seguro, Seu Serafim começou a fechar a porteira. Nesse instante, ele soltou os cabelos do pai, que não eram muitos, e se inclinou para trás, se desequilibrando do ombro de onde estava. Numa fração de segundos, Seu Serafim, prevendo a queda, gritou "Misericórdia, Jesus!" e antes que o menino se esborrachasse no chão, Seu Serafim se agachou de repente e Severino voltou-se para frente ainda nas costas do pai, que o segurou. Seu Serafim, quase chorando, agradeceu a Deus pelo livramento e também por saber que Dona Mariquinha lhe mataria se acontecesse algo com seu bebê.

Bem, Seu Serafim imaginou que fora sua agilidade que o impulsionou a segurar Severino. Na realidade fui eu que empurrei Severino de volta para que seu pai tivesse tempo de evitar a queda. Para mim, sempre foi assim, livramento em cima de livramento. A atenção tinha que ser redobrada sempre. Eu sei, prometi não falar meus feitos. Sou meio assim, narcisista. Preciso estar atento a isso.

Em outro dia, já rapazinho, Severino escapou da morte certa. Seu Serafim ia com ele numa carroça puxada a cavalo, levando a pequena produção do sítio para vender na feira de Nova Esperança, como sempre faziam bem cedinho, aos sábados. Severino não gostava de ir. Preferia ficar dormindo. Como tinha que ajudar o pai, ia a contragosto e resmungando, depois de levantar aos gritos de Dona Mariquinha. Em certo momento, a carroça passou por um buraco e, no solavanco, Severino, ainda sonolento, caiu bem perto da roda. No instante em que a roda ia passar por cima da sua cabeça, pulei e me deitei ao seu lado, fazendo uma ponte para que a roda traseira não atingisse sua cabeça. A carroça estava pesada e Seu Serafim, quando desceu depressa, teve a impressão da carroça ter passado por cima de uma pedra. No entanto, não havia pedra alguma. Foram apenas as minhas costas que livraram o garoto mais uma vez. Como a carroça estava pesada, fiquei com dor nas costas por vários dias.

Para mim, Severino não era apenas traquino. Ele era meio inocente. Meio burro até. Eu sei, não é elegante compará-lo a um animal. É como se diz no Nordeste. Uma pessoa burra é sinônimo de alguém pouco inteligente. Isso o leitor poderá confirmar pelos relatos que irei expor. Claro que as crianças, em sua inocência, acreditam em muitas coisas. Severino, por exemplo, gostava de tomar leite com chocolate, quando seus pais podiam comprar. E não era chocolate mesmo não, era um achocolatado. O mais barato

que pudessem comprar. Um dia, Severino teve uma brilhante ideia: e se jogasse um pouco de leite com chocolate num vaso de plantas, será que nasceria um pé de copos de leite?

Ele não teve dúvidas, enterrou no quintal uns dois dedos que restavam no copo de leite e esperou crescer. Severino foi dormir ansioso para ver o que aconteceria no dia seguinte, se haveria algum copo disponível. Ficou imaginando todos os dias ir pegar seu copo de leite com chocolate. Era um sonho. Quase não conseguiu dormir imaginando. No dia seguinte, para sua frustração, não havia nada. Que decepção. "Como pode? – ele pensou. — Coloquei o melhor que eu tinha, os dois dedos finais do leite, com a parte mais gostosa, quando fica o restinho do açúcar".

Neste dia, Severino aprendeu uma grande lição: nem tudo que se planta, se colhe. Ele não desistiu por um bom tempo. Ainda tentou plantar macarrão, carne ou outra qualquer coisa que gostasse. Até pensou em plantar dinheiro porque via que Seu Serafim sempre trocava dinheiro por comida quando o acompanhava nas vendas. Imaginou, então, que se ele tivesse um pé de dinheiro no quintal, poderia comprar comida e saciar sua inesgotável fome. Como não tinha um tostão, nunca fez essa experiência.

Outra coisa. Severino morria de medo de lagartixa, não me lembro o porquê. Me recordo que todas as vezes que ele via um bichinho desses andando pelas paredes, não sossegava enquanto Dona Mariquinha não matasse o inocente animalzinho. Seu Serafim não mexia um dedo. Nunca gostou de matar nada a não ser para comer. Não importava se a lagartixa era pequena ou grande, a assassina de lagartixa tinha que entrar em ação, muitas vezes contra sua própria vontade. Por mais que ela explicasse para Severino que aquele bichinho não fazia mal algum, que era útil

porque comia as muriçocas e os insetos, tudo era em vão. Perdi a conta de quantas lagartixas foram assassinadas.

Muitas aventuras ainda esperavam por mim. Eu não fazia a menor ideia de como minha vida seria agitada daqui para frente.



QUER CONHECER O RESTANTE DA HISTÓRIA?

CLIQUE NO LINK ABAIXO E CONFIRA O E-BOOK JÁ DISPONÍVEL NA AMAZON:

https://www.amazon.com.br/As-Aventuras-Severino-Ant%C3%B4nio-Dacosta-ebook/dp/B07Z1C4L9D/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&dchild=1&keywords=as+aventuras+de+severino&qid=1611340451&sr=8-1



VISEU

Essa e outras obras em:
www.editoraviseu.com

facebook.com/editoraviseu
twitter.com/editoraviseu
instagram.com/editoraviseu

Contatos:
contato@editoraviseu.com

Quer enviar sua obra para nossa avaliação?
originais@editoraviseu.com

VISEU

Este livro foi composto em Minion Pro.
Impresso por Viseu.

Numa madrugada como qualquer outra, um simples casal do sertão paraibano se vê com um órfão abandonado à sua humilde porta. Foi assim, messianicamente, que além de ganhar um lar e uma família, Severino ganhou uma chance de provar que os periféricos merecem valor. Poeta autodidata, é em tom fabulesco que Severino visa suas grandes empreitadas cotidianas, como a amizade, a descoberta do amor juvenil, o trabalho, a convivência em uma nem sempre fácil sociedade, a importância do bom humor e o cultivo das esperanças.



Visite-nos:
www.aviseu.com
facebook.com/editoraviseu
instagram.com/editoraviseu

VISEU

AC

Sobre o Autor

Antônio Dacosta





Antônio Dacosta é escritor e poeta. É autor de “Gotas da Alma” e “Poesias Proibidas” (Poesia); “Tudo tem um tempo determinado” (Crônicas); "Pura Graça" (Crônicas); “O Menino que perguntava” (Infantil); “As Aventuras de Severino” (Romance), dentre outros, disponíveis na Amazon.

Técnico Agrícola; Bacharel em Teologia; Apologista pelo ICP, é palestrante e pesquisador na área de Apologética em geral, Teologia e História. Formado em Gestão Pública pela Universidade Metodista de São Paulo. Com pós-graduação em Teologia e História.

CONTATO COM O AUTOR:

Antônio Pereira da Costa Júnior

E-mail: oapologista@yahoo.com.br

Fone: (83) 9.8610.2401 (Zap)

Conheça meu canal do Youtube:

www.youtube.com/balaioliterario2016

APROVEITE A OFERTA DE LANÇAMENTO:

Tanto o livro físico quanto o e-book podem ser adquiridos direto da Editora Viseu...Clique e confira:

https://www.editoraviseu.com.br/pt/livros/1735/as-aventuras-de-severino/

ALGUMA DÚVIDA?

✓ **Entre em contato conosco:**

(83) 9.8610.2401 (WhatsApp)

✓ **Veja Outras Palestras em meu Canal do Youtube:**

youtube.com/balaioliterario2016

✓ **Mande-me um e-mail:**

oapologista@yahoo.com.br